



<https://periodicos.ufop.br/virtualia-journal>

Editor responsável: Prof. Dr. Rodrigo Cid

## Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível

André Luiz C. Gonçalves

Universidade Federal do Piauí – UFPI (PPGFIL)

<https://orcid.org/0009-0002-1293-3230>

<https://lattes.cnpq.br/7684684674940104>

[andre.goncalves@ufpi.edu.br](mailto:andre.goncalves@ufpi.edu.br)

**Resumo:** Este artigo propõe o conceito de *hiperestética* como hipótese inaugural para compreender a emergência de um novo regime técnico do sensível na contemporaneidade. Frente à estetização generalizada, à tecnomediação da percepção e à financeirização da atenção, a hiperestética é apresentada como mutação estrutural da sensibilidade operada por arquiteturas digitais, ultrapassando a ideia de estética digital ou estilo. Entre a *aisthesis* e a estética moderna do juízo, delineia-se um regime de presença performada, codificação sensorial e produção técnica da experiência. Em diálogo com Benjamin, Gumbrecht, Kittler e Baudrillard, o sensível aparece como campo estratégico de modulação, controle e valorização econômica. O ensaio estabelece balizas conceituais, discute fundamentos epistemológicos, políticos e ontológicos e indica efeitos sobre a percepção, o desejo e a economia contemporânea da presença. Nomear a hiperestética é, por fim, tornar inteligível uma mutação técnica, sensível e política da experiência contemporânea.

**Palavras-chave:** hiperestética; regime do sensível; economia da presença; tecnomediação; tecnossistema; financeirização da atenção.

**Abstract:** This article proposes the concept of *hyperaesthetics* as an inaugural hypothesis for understanding the emergence of a new technical regime of the sensible in the contemporary world. In the face of widespread aestheticization, the technomediaation of perception, and the financialization of attention, hyperaesthetics is presented as a structural mutation of sensibility effected by digital architectures, exceeding the idea of digital aesthetics or style. Between *aisthesis* and the modern

.....

aesthetics of judgment, a regime of performed presence, sensory coding, and technical production of experience is outlined. In dialogue with Benjamin, Gumbrecht, Kittler, and Baudrillard, the sensible appears as a strategic field of modulation, control, and economic valuation. The essay establishes conceptual coordinates, discusses epistemological, political and ontological foundations, and indicates effects on perception, desire, and the contemporary economy of presence. Naming hyperaesthetics ultimately makes intelligible a technical, sensible, and political mutation of contemporary experience.

**Keywords:** hyperaesthetics; regime of the sensible; economy of presence; technomediation; technosystem; financialization of attention.

**CRedit-IA (+):** Declaro que o uso de ferramentas de Inteligência Artificial foi estritamente instrumental e assumo a responsabilidade humana integral pelo conteúdo do artigo. Simetricamente, autorizo o uso instrumental de ferramentas de Inteligência Artificial pelos pareceristas.

Ferramenta de IA utilizada: ChatGPT, da OpenAI.

Versão / modelo: GPT-5.5 Thinking.

Finalidade do uso: apoio instrumental à revisão gramatical, ortográfica, tipográfica e editorial do manuscrito, bem como à verificação pontual de consistência acadêmica formal.

Tipo de uso: apoio linguístico e organizacional, sem geração automática de argumentos ou conclusões.

Limites do uso: a formulação conceitual, a argumentação, a seleção bibliográfica, a interpretação dos autores, as decisões de revisão e a versão final do texto são de responsabilidade integral do autor. A ferramenta não substituiu a autoria, a leitura crítica nem a validação das fontes utilizadas.

[Veja o modelo completo de Declaração CRedit-IA, criado pelo Virtualia Journal.](#)

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

## **1. Por que pensar num novo regime estético?**

Vivemos imersos em um aparato técnico sem precedentes, que atravessa todas as dimensões da vida. Estamos em contato permanente com tecnologias que não apenas moldam o mundo, mas moldam também a nós mesmos, transformando as condições de possibilidade da experiência. O que antes chamávamos de experiência sensível passa a ser modelado por dispositivos técnico-digitais que reorganizam e automatizam a percepção, intensificando os modos de aparecimento do mundo vivido.

Das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) aos sistemas e dispositivos que regulam a indústria, a saúde, a política, a governança, a economia, os transportes e mesmo os gestos mais triviais do cotidiano, a percepção sensível é continuamente mediada e reconfigurada. Por meio de um ecossistema cada vez mais ubíquo de interfaces, sensores, dispositivos móveis e ambientes imersivos, vemo-nos atravessados por imagens, sons e signos que capturam e modulam a atenção. Plataformas digitais e corporações globais, baseadas na coleta e no processamento massivo de dados e operando por mecanismos de curadoria algorítmica da experiência, configuram o que percebemos, orientam o que desejamos e, até mesmo, levam-nos a performar aquilo que acreditamos ser. A transformação técnico-ontológica do sensível constitui um dos eixos estruturantes da modernidade e fundamenta a proposta do surgimento e da ascensão do regime estético que, aqui, se denomina hiperestética.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

Martin Heidegger (2012) compreende a técnica moderna como um modo específico de desvelamento do ser – isto é, não como mero instrumento, mas como uma configuração ontológica do mundo sob o regime do enquadramento (*Gestell*).<sup>1</sup> Nesse modo de revelação, tudo o que existe, inclusive a própria sensibilidade, é mobilizado como recurso disponível, ordenado, calculado e pronto para uso. Heidegger afirma: “A essência da técnica moderna põe o homem a caminho do desencobrimento que sempre conduz o real, de maneira mais ou menos perceptível, à disponibilidade. Pôr a caminho significa: destinar” (Heidegger, 2012, p. 27). Assim, a técnica, para o filósofo, redefine o modo como o mundo se apresenta e como nos deixamos afetar por ele, instaurando uma nova condição para a experiência sensível. Esse diagnóstico é central para compreender como a técnica condiciona os modos de aparecer do mundo para além de seu uso instrumental, preparando o terreno para a hiperestética.

Se em Heidegger a técnica funda ontologicamente a relação entre ser e mundo, Gilbert Simondon (2020) concebe os objetos técnicos não como finalidades prontas, mas como sistemas em evolução, atravessados por uma dinâmica de individuação que articula sujeito, meio e máquina: “Os objetos técnicos estão sujeitos a uma gênese, mas é difícil defini-la para cada um deles, pois a individualidade desses objetos se modifica ao longo dessa gênese” (Simondon, 2020, p. 55). A técnica, para Simondon, não apenas transforma o real, mas constitui as condições pelas quais o sensível se forma, reorganizando os circuitos entre afecção e percepção e instaurando modos

---

<sup>1</sup> O termo alemão *Gestell*, central na filosofia da técnica de Heidegger, tem sido traduzido por “enquadramento”, “armação”, “estrutura” ou “moldura”. Neste texto, adota-se “enquadramento”, em diálogo com traduções brasileiras recentes e com o termo inglês *Enframing*, por expressar de modo mais preciso o sentido heideggeriano de dispor o real como fundo disponível.

.....

.....

inéditos de relação com o mundo sensível e vivido. Essa noção de gênese técnica permite compreender a hiperestética como regime em constante atualização, articulando humano, máquina e meio.

Em Walter Benjamin, a relação entre técnica e sensibilidade encontra uma de suas formulações mais influentes. Em seu célebre ensaio de 1936, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin demonstra como os dispositivos de reprodução, especialmente a fotografia e o cinema, alteram profundamente a experiência estética moderna. Ao dissolver a *aura* da obra de arte e instaurar formas de recepção coletiva e fragmentada, a reprodutibilidade transforma o modo de aparição do sensível, politizando-o e abrindo-o tanto à emancipação quanto à manipulação. Nesse momento, “[...] a função social da arte terá sido objeto de uma transformação radical. Em vez de se basear no ritual, ela terá agora outra práxis como seu fundamento: a política” (Benjamin, 2012, p. 18).<sup>2</sup> A percepção torna-se histórica e estrategicamente moldada. Esse deslocamento já antecipa o que, hoje, pode ser identificado como politização do sensível em escala ampliada pelas plataformas digitais.

Friedrich Kittler (2019) leva esse problema a outro plano ao afirmar que os dispositivos técnicos de registro, armazenamento e transmissão não apenas mediam, mas estruturam materialmente a percepção. Em sua genealogia dos meios, a técnica deixa de ser prótese ou ferramenta e se torna condição de possibilidade da sensibilidade moderna. Sua compreensão da percepção mediada inaugura um paradigma, no qual o sensível já se encontra pré-formatado por arquiteturas técnicas

---

<sup>2</sup> Grifo do autor.

.....

.....

que orientam o campo do perceptível, preparando a compreensão da hiperestética como codificação algorítmica da experiência.

A partir daí, Wolfgang Iser e Jean Baudrillard expandem o diagnóstico. Iser (1995), no fim do século XX, identifica um processo de estetização generalizada, em que a sensibilidade deixa de pertencer exclusivamente ao domínio da arte e se difunde por todas as esferas da vida, incluindo o conhecimento, a ciência, o consumo e o cotidiano. Iser sugere, ainda, que vivemos um período do que chama de estetização epistemológica, quando os próprios modos de conhecer tornam-se atravessados por critérios ligados à ambiguidade e à intensidade sensível, aproximando saber e sensação num mesmo regime. Com isso, é possível pensar a estetização como condição geral do saber contemporâneo.

Já Baudrillard (1991) radicaliza essa tendência ao propor a hiper-realidade como condição na qual os signos já não remetem ao real, mas o substituem por simulacros, um efeito da produção midiática intensiva e da saturação simbólica do mundo. Baudrillard afirma que “A simulação já não é mais a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real” (Baudrillard, 1991, p. 8). Para o filósofo francês, a realidade sensível torna-se efeito de operações repetidas, instaurando um mundo saturado por signos que performam presença, e sua crítica antecipa o esvaziamento da percepção e a dessensibilização pela saturação simbólica, num ambiente regido pela lógica da simulação e do excesso. Aqui, a hiperestética retoma Baudrillard ao reinscrever o problema da simulação nas condições técnico-sensíveis do aparecer. Porém, enquanto Baudrillard enfatiza o plano dos signos e da

.....

representação, a hiperestética desloca a ênfase para o plano sensível, no qual presenças e afetos são tecnicamente modulados.

A partir dessas considerações, sustenta-se que vivenciamos uma mutação nas condições sensíveis da experiência que nos insere em um novo regime do sensível, característico do que se convencionou chamar de “era digital”. Ainda que a mediação técnica da percepção não seja, em si, uma novidade, já que desde a linguagem e a escrita até as imagens mecânicas e a televisão a história do sensível sempre se viu atravessada por dispositivos, o que se observa, na contemporaneidade, é um aprofundamento sem precedentes desse processo. Mesmo quem nunca teve contato direto com dispositivos conectados à internet, redes sociais digitais ou tecnologias de comunicação em rede já se encontra atravessado por esse ecossistema técnico generalizado. Nas palavras de Laymert Garcia dos Santos, ao comentar no início dos anos 2000 sobre o acesso às novas tecnologias, “Ninguém fica de fora, nem mesmo quem é excluído do processo por não querer ou não poder participar” (Santos, 2003, p. 10). Essa afirmação, formulada há mais de vinte anos, mantém-se plenamente atual e parece ainda mais adequada à leitura do mundo na terceira década deste século.

A ascensão do regime hiperestético depende do desenvolvimento das tecnologias digitais e da disseminação de um aparato técnico inédito em escala, capilaridade e enraizamento. O advento da inteligência algorítmica e das plataformas ubíquas, de alcance global e permanentemente disponíveis, faz com que a mediação do sensível se torne, ao mesmo tempo, mais difusa e mais determinante. A experiência humana do mundo passa a ser continuamente reorganizada por infraestruturas digitais que modulam a sensibilidade por meio de dispositivos,

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

algoritmos e interfaces, de modo intensificado, programável, performativo e incessantemente reiterado.

Andrew Feenberg denomina o entrelaçamento das dimensões materiais, simbólicas e normativas de tecnossistema, definindo-o como “o campo das disciplinas e operações tecnicamente racionais e associadas aos mercados, administrações e tecnologias” (Feenberg, 2019, p. 4). Esse conceito permite compreender que as tecnologias não apenas servem a finalidades funcionais, mas constituem a própria estrutura do mundo vivido, em suas dimensões sociais, sensíveis e políticas. O tecnossistema, assim, participa ativamente da constituição da experiência sensível e da forma como o real se manifesta – ou se oculta – aos sujeitos: tudo é filtrado por estruturas técnicas que funcionam como operadores do real. Essa concepção amplia a crítica da técnica e prepara o campo para a hiperestética como regime técnico e político do sensível.

Ao articular o conceito de tecnossistema à hiperestética, compreende-se que esse regime expressa uma transformação estrutural da arquitetura técnica do mundo vivido, excedendo o fenômeno comunicativo. Do transporte à política, da produção à atenção, da linguagem aos afetos, a técnica atua de modo difuso e subterrâneo, modulando crenças, valores, sensibilidades e formas de inserção ou exclusão social que organizam nossa experiência comum. A hiperestética envolve a programação técnica e econômica da sensibilidade em tempo real, conduzida por plataformas e infraestruturas digitais, e reformula a tradição estética ao alterar seus objetos de referência e as condições de possibilidade do sentir sob o impacto direto da técnica. No contexto hiperestético, a percepção é delineada por operações algorítmicas que

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

orientam a atenção, induzem afetos e preparam os gestos antes mesmo de sua atualização. Essa caracterização exige precisar a relação entre continuidade e ruptura.

O regime hiperestético não surge como negação absoluta das formas modernas de mediação técnica do sensível, já anunciadas pela reprodutibilidade técnica, pela estetização generalizada e pela codificação midiática da percepção. Seu traço próprio reside no fato de que tais processos atingem, na era digital, um limiar qualitativo: a mediação deixa de operar apenas como reprodução, transmissão ou intensificação da experiência e passa a funcionar como programação sistemática da percepção e das condições de aparecimento. O sensível torna-se passível de captura, cálculo, hierarquização e exploração econômica em tempo real, por meio de arquiteturas algorítmicas que distribuem imagens e informações enquanto modulam atenção, desejo e presença. Assim, a hiperestética deve ser compreendida como uma intensificação histórica que se converte em mutação estrutural.

A compreensão do regime hiperestético exige um duplo movimento de deslizamento histórico e recomposição conceitual entre dois sentidos da estética. De um lado, resgata-se a *aisthesis*, termo grego que designa a percepção sensível e corporal como forma fundamental de relação com o mundo: a capacidade de ser afetado corporalmente pelo ambiente. De outro lado, retoma-se a tradição moderna iniciada por Alexander Baumgarten, que, nas *Meditações filosóficas a respeito de alguns assuntos relativos à poesia* (1735), introduz o termo “estética” – derivado de *aisthanomai* (“perceber”) – para nomear o estudo da percepção sensorial, do gosto e das emoções suscitadas pela arte. Em obra posterior, *Aesthetica* (1750–1758), Baumgarten (2012) amplia esse projeto, propondo uma lógica do sensível distinta da racionalidade filosófica tradicional. Posteriormente, Immanuel Kant, na *Crítica da faculdade de julgar*

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

(2016), sistematiza a estética como juízo reflexivo, centrado na apreciação da forma bela, na harmonia e na universalidade subjetiva do gosto. Nesse percurso, a estética afasta-se progressivamente da materialidade do corpo e da sensação, convertendo-se em mediação entre sensibilidade e razão – um afastamento que a hiperestética procura inverter, articulando essas duas tradições e reinscrevendo-as nas condições técnico-sensíveis do presente.

O regime hiperestético reconfigura a experiência estética ao inscrever o sensível em uma lógica de intensidade, excesso e programação técnica. Ele manifesta-se por meio da multiplicação de estímulos e signos que atuam simultaneamente no corpo e no código, na superfície visual e na infraestrutura algorítmica. Como todo atravessamento do humano pelo tecnológico, a lógica hiperestética envolve interesses econômicos e políticos, que se expressam na extração de dados, na modulação de desejos e na criação de dispositivos de captura sob o signo do capital digital. As infraestruturas digitais atuam como formas sensíveis do capitalismo contemporâneo, reorganizando o campo perceptivo segundo critérios de rentabilidade e visibilidade performativa.

A hiperestética revela, assim, uma política da sensibilidade em escala inédita. Embora a mediação algorítmica da comunicação desempenhe papel central nesse processo, o regime hiperestético sustenta-se sobre um tecnossistema mais amplo, composto por dispositivos, ambientes técnicos, protocolos de design e infraestruturas de percepção que atravessam todos os domínios da vida.

Trata-se, então, de uma formulação inaugural do conceito de hiperestética, que oferece seus primeiros contornos teóricos e indica sua relevância para a análise crítica

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

dos regimes sensíveis da era digital. Essa mutação exige compreender a estética como regime de organização do sensível, precisamente o que se examina a seguir.

## **2. Um novo regime do sensível**

Entende-se por regime estético uma forma histórico-material de organização do sensível – aquilo que pode ser visto, ouvido e sentido por determinados sujeitos. No presente, esse regime adquire configuração infraestrutural, ultrapassando a arte e a comunicação para operar por sistemas técnicos que moldam antecipadamente a experiência.

A hiperestética consolida-se como regime técnico-ontológico do sensível em que sua infraestrutura algorítmica reprograma a experiência e ultrapassa o âmbito comunicacional, inscrevendo-se em sistemas urbanos, somáticos, políticos, econômicos e ambientais. Essa inscrição possui uma base material concreta: *data centers*, dispositivos técnico-digitais, cadeias extrativas de minerais e consumo intensivo de água e energia, entre outros, compõem o ecossistema físico da hiperestética, condicionando materialmente o regime sensível que ela produz. Esse regime reconfigura as próprias condições do aparecer, ultrapassando a função de simples ornamento cultural.

A estética, nessa perspectiva, ultrapassa o domínio da arte e constitui uma política do sensível, campo no qual se decide o que aparece, como aparece, para quem aparece e, sobretudo, o que permanece invisível, inaudível ou inapreensível. Essa abordagem dialoga com Rancière, ao reinscrever sua intuição sobre a partilha do sensível no plano da sensibilidade infraestrutural, tecnicamente modulada.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

Jacques Rancière (2009) reflete sobre a fusão entre arte e vida ao afirmar que “é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas da emancipação e nas ilusões e desilusões da história” (2009, p. 12). Para o filósofo, formas históricas definem o que pode ser visto, ouvido e pensado, e a partilha do sensível funda uma distribuição de espaços, tempos e atividades que determina como um comum se presta à participação “e como uns e outros tomam parte nessa partilha” (2009, p. 15). Aqui, o princípio rancieriano de regime estético é deslocado do âmbito das artes para o plano infraestrutural do sensível: a hiperestética inscreve-se no cotidiano, na política, na economia e na intimidade, parametrizando percepções, afetos e presenças sob a lógica técnico-algorítmica. Não se pretende, com isso, atribuir a Rancière uma teoria das infraestruturas digitais; busca-se prolongar criticamente sua intuição sobre a distribuição do visível, do dizível e do sensível. Na hiperestética, essa distribuição passa a ser operada também por plataformas, interfaces, métricas e sistemas algorítmicos.

Em chave complementar, Hans Ulrich Gumbrecht (2010) propõe o conceito de produção de presença para descrever formas estéticas em que o impacto material, sensorial e afetivo das coisas coexiste e, por vezes, prevalece sobre a interpretação. Em sua crítica à tradição hermenêutica ocidental, Gumbrecht argumenta que a experiência estética não se reduz à produção de sentido, mas envolve também a emergência de presenças materiais e atmosféricas que afetam o corpo e escapam à significação. Ele afirma que “[...] qualquer forma de comunicação implica tal produção de presença; que qualquer forma de comunicação, com seus elementos materiais, ‘tocará’ os corpos das pessoas que estão em comunicação de modos específicos e variados” (Gumbrecht, 2010, p. 39). Contudo, enquanto em Gumbrecht a

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

presença ainda é pensada como evento denso e imprevisível, na hiperestética ela é serializada e industrializada, apropriada tecnicamente, capturada por dispositivos e convertida em recurso modulável e economicamente orientado. Compreende-se que essa captura é também política, pois institui a presença como ativo sensível sob a lógica algorítmica e as economias da atenção.

Pensar a hiperestética como regime implica compreendê-la como arquitetura técnico-algorítmica que redefine as condições de aparecimento do mundo ao modular aquilo que pode ser sentido e vivido. No contexto contemporâneo, é urgente reconhecer que estamos diante de uma reconfiguração profunda das arquiteturas sensíveis, na qual o sensível é produzido, distribuído e controlado por dispositivos técnicos. Essa transformação afeta também os modos ordinários pelos quais o mundo se apresenta à experiência.

A hiperestética já se inscreveu como gramática perceptiva ampliada, que reorganiza a aparência das coisas, as formas da atenção e os critérios da decisão. O que, antes, se atribuía à comunicação ou ao design, passou a constituir condição estrutural de legibilidade do mundo: uma estética de configuração técnico-operatória, incorporada às práticas, aos objetos e aos próprios modos de existência.

Embora as redes sociais digitais tenham sido catalisadoras visíveis do regime hiperestético, sua expressão transcende essas plataformas. A reorganização do sensível atravessa hoje a comunicação, os sistemas de saúde, a arquitetura das cidades, a educação, os sistemas burocráticos de governança, o design de equipamentos médicos, a sinalização urbana, os protocolos de vigilância, os ambientes de trabalho, de lazer e mesmo os espaços domésticos. Mesmo fora das redes digitais, vemos, julgamos e decidimos segundo padrões de clareza, perfeição,

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

eficiência e deseabilidade inscritos no design tecnológico do regime hiperestético. O “olhar digitalizado” tornou-se fundamento técnico da legibilidade social, um filtro que organiza o visível, o aceitável e o desejável, em todas as dimensões da vida.

Esse regime produz uma dupla intensificação: de um lado, um excesso de visualidade codificada e performativa, que exacerba – e ultrapassa – os critérios tradicionais de beleza, estilo e juízo; de outro, uma saturação sensorial dirigida ao corpo, impulsionada por dispositivos que modulam a percepção em tempo real. O regime hiperestético articula as duas tradições da estética (*aisthesis* e juízo de gosto) e as integra num ciclo de acúmulo, repetição e programação.

A hiperestética consolida-se, assim, como categoria conceitual necessária para nomear um regime que já se manifesta, mas ainda carece de nome e de pensamento. Tal regime exige, por isso, investigação e uma fenomenologia digital crítica, capaz de revelar como o aparato estrutural das tecnologias e dos sistemas técnico-digitais reconfigura as bases da experiência sensível – sua temporalidade, espacialidade e corporalidade –, convertendo a percepção em campo de modulação algorítmica e valor econômico.

Pensar o regime hiperestético é reconhecer que a forma como sentimos, percebemos e julgamos está sendo moldada e capturada por infraestruturas invisíveis que mediam a percepção, e a preparam e orientam segundo lógicas não conscientes de visibilidade, relevância e desejo.

### **3. Por que nomear esse regime estético?**

A hiperestética se apresenta como expressão de uma mutação estrutural da sensibilidade e de sua captura por regimes técnicos e econômicos específicos, mais do

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

que como mera fase da estética ou como estilo contemporâneo. Sua nomeação busca configurar conceitualmente esse deslocamento, oferecendo um léxico conceitual que permita pensar as condições atuais de aparecimento, presença e experiência. O prefixo *hyper-* remete tanto à intensificação sensorial quanto à superação das categorias tradicionais da estética, indicando um regime que expande e reprograma a sensibilidade, razão pela qual é preciso examinar seus efeitos materiais: como se reconfiguram a percepção, o desejo e o controle na experiência cotidiana.

Nomear a hiperestética, mais do que apenas uma operação descritiva, apresenta-se como gesto epistêmico, político e ontológico.

### **3.1 Um gesto epistêmico: ver o que os antigos conceitos não veem**

O termo hiperestética funciona como categoria epistemológica, permitindo nomear aquilo que os conceitos clássicos da estética já não dão conta de expressar. Com a transformação da experiência estética em um campo programado de percepção, é necessário formular uma nova categoria capaz de explicitar esse deslocamento e de redefinir o horizonte do sensível.

Observar o regime hiperestético em ascensão é reconhecer que ele se constitui como estrutura sensível da realidade contemporânea, atuando sob formas e em territórios que extrapolam o campo artístico. A hiperestética não designa um estilo nem um movimento no âmbito das artes, mas uma nova condição técnica do sensível, marcada pela intensificação artificial dos estímulos, pela codificação algorítmica da experiência e pela programação industrial da percepção. Reconhecer esse processo é, então, um gesto de inteligibilidade crítica: sem um conceito que articule essas

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

transformações, corre-se o risco de tratá-las como fenômenos dispersos ou meramente contingentes.

A hiperestética nomeia aquilo que os conceitos anteriores iluminam apenas parcialmente: a articulação entre programação técnica da percepção, modulação da presença, captura da atenção e exploração econômica do sensível como regime ordinário do aparecer.

### **3.2 Um gesto político: visibilizar a captura do sensível**

Pensar a hiperestética é, também, realizar um gesto de visibilização política. A nomeação desse regime sensível contemporâneo torna claro que a hiperestetização constitui uma verdadeira infraestrutura de poder. A estetização programada e intensificada das interfaces, das emoções, dos corpos e das relações atua como forma de controle afetivo e de modulação comportamental. A hiperestética configura-se como a face sensível de um biopoder algorítmico que captura nossa atenção e trabalha continuamente para formatar subjetividades.

A conceituação desse regime evidencia a necessidade de romper com a crença, ainda presente e constantemente estimulada, na neutralidade da técnica e, por extensão, na suposta neutralidade das mediações digitais. Também se apresenta como denúncia das estratégias de estetização contínua, que mascaram desigualdades e reduzem o sensível a ativo circulável.

A nomeação do regime hiperestético é, assim, também um ato político: um gesto de resistência à naturalização da técnica e do mercado como destinos inevitáveis e de afirmação da urgência em politizar o sensível.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

### **3.3 Um gesto ontológico: reconhecer a mutação do sensível**

Finalmente, pensar a hiperestética implica reconhecer que está em jogo a própria constituição ontológica do mundo vivido, e não apenas a estética da arte ou da imagem: a hiperestética afeta os modos de ser, de perceber e de existir em comum.

O sensível deixa de ser encontro espontâneo entre corpo e mundo e torna-se campo filtrado, intensificado e codificado. Essa transformação é ontológica, pois altera os modos pelos quais os corpos se afetam e são afetados, o modo como o mundo aparece e como os sujeitos se constituem na relação com esse mundo. A estética, aqui, opera como dimensão fundamental da realidade e como seu sintoma estrutural, e não mais como reflexo da cultura.

Pensar e nomear a hiperestética significa abrir espaço para uma ontologia crítica do sensível, capaz de refletir sobre a tecnogênese da presença e a precarização das experiências mediadas.

### **4. Efeitos da hiperestética: percepção, desejo e controle**

Se o conceito de hiperestética nomeia um novo regime do sensível na chamada “era digital”, é preciso examinar seus efeitos concretos sobre a experiência cotidiana. Como esse regime reconfigura os modos de perceber, de desejar e de existir no mundo contemporâneo? Essa análise permite tornar a hipótese mais tangível, articulando a dimensão conceitual aos impactos vividos e existenciais da hiperestética.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

Este segmento do artigo analisa três campos nos quais tal regime se manifesta de modo mais agudo: a percepção, o desejo e o controle, dimensões nas quais o sensível, hoje, é simultaneamente intensificado, mediado e governado.

#### **4.1 A percepção reorganizada: sensibilidade mediada e pré-formatada**

No regime hiperestético, a percepção deixa de ser um acontecimento aberto, contingente e situado, e passa a ser programada por infraestruturas técnicas. O que se vê, se escuta e se sente é mediado por algoritmos que filtram, classificam, recomendam e antecipam conteúdos. Interfaces gráficas, realidades aumentadas, ambientes imersivos e curadorias automatizadas fazem mais que mediar a percepção: configuram-na de antemão, definindo tanto o que pode aparecer como o que permanecerá invisível.

Um exemplo cotidiano desse processo aparece no funcionamento do *feed* algorítmico. Ao apresentar conteúdos em sequência personalizada, a plataforma organiza informações previamente disponíveis e define, ao mesmo tempo, o ritmo de aparição e a relevância afetiva de cada item. O sujeito encontra, sim, conteúdos. Mas encontra também, sobretudo, uma ordenação tecnicamente produzida do visível, calculada a partir de seus gestos anteriores e da leitura permanente de seu comportamento, que é convertido em padrões estatísticos e em valor comercial. A percepção, nesse caso, já chega atravessada por uma curadoria opaca, que decide o que se torna próximo, urgente, desejável ou irrelevante para cada sujeito.

O mesmo ocorre com o *scroll* infinito e com as notificações *push*. No primeiro caso, a continuidade sem fechamento enfraquece – ou mesmo anula – a experiência de intervalo e transforma a atenção em fluxo permanentemente reativável. No

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

segundo, a convocação sensível assume a forma da urgência estimulada, com o sujeito sendo continuamente alertado por vibração, som, ponto luminoso ou aviso na tela. Trata-se de uma técnica de interpelação do corpo, que antecipa respostas e reorganiza pequenas decisões cotidianas. Nesses exemplos, a hiperestética mostra sua operação elementar: o sensível é formatado antes de ser plenamente percebido como escolha.

Marshall McLuhan (1969) já havia proposto que os meios de comunicação operam como extensões dos sentidos humanos e reorganizam hierarquias sensoriais, afetando o modo como o mundo nos é dado. Cada mídia, da escrita ao vídeo, reconfigura a percepção e cria um campo do sensível.

Se, para McLuhan, os meios estendem os sentidos, no regime hiperestético as infraestruturas digitais parametrizam e antecipam o sentir: algoritmos tratam a percepção como variável controlável, reduzindo a variação afetiva e produzindo uma normatização dos afetos e uma crescente dificuldade de experimentar o novo ou o estranho. A experiência sensível torna-se previsível e domesticada, aproximando-se do que denomino *experiência estética condicionada*<sup>3</sup>: uma forma de percepção pré-formatada por métricas e interfaces, desenhada para retenção e previsibilidade afetiva, plenamente conformada ao design da atenção.

O efeito perceptivo assume, também, uma dimensão ética e existencial. O resultado é um sujeito perceptivamente despotencializado e dessensibilizado, menos capaz de perceber o que escapa ou transborda do fluxo, pois sua atenção é dirigida por arquiteturas algorítmicas e lógicas de retenção.

---

<sup>3</sup> A noção de experiência estética condicionada foi desenvolvida anteriormente em Gonçalves (2024), no contexto da análise da hiperestetização da política e da mediação técnico-digital da percepção.

.....

.....

Esse arranjo consolida uma economia da presença na qual atenção e aparição tornam-se métricas de valor.

#### **4.2 O desejo modulado: afetos performados e engajamento contínuo**

O regime hiperestético atua sobre o desejo de modo contínuo e estrutural, e isso atravessa múltiplos contextos – da educação ao consumo, das relações afetivas ao ambiente de trabalho, dos serviços públicos às tecnologias de vigilância. Dispositivos técnicos e ambientes organizacionais funcionam segundo lógicas estetizantes de engajamento e validação.

Como lembram Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*, “o desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 43). O desejo, aqui, longe de ser falta, é força produtiva real. No capitalismo, não se organiza apenas a produção de mercadorias, mas também a produção e a codificação dos próprios desejos, que passam a ser geridos, canalizados e absorvidos pelo sistema.

Se nessa leitura de Deleuze e Guattari o desejo é potência criativa e geradora de fluxos, na hiperestética ele é continuamente mensurado e reapropriado. O capitalismo digital intensifica sua captura ao extremo: o desejo é continuamente induzido. Ele é incessantemente fabricado e convertido em dado e valor estético-financeiro, enquanto as plataformas funcionam como máquinas de desejo e alimentam uma economia da visibilidade baseada no engajamento afetivo. Esse processo não se limita aos ambientes técnicos ou às redes sociais digitais. Emoções são medidas, performances são recompensadas e a estética passa a funcionar como campo estratégico de exposição e validação. A valoração do corpo, da aparência, do

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

comportamento e da expressão segue padrões estéticos codificados tecnicamente, com protocolos que orientam o que deve ser visto como desejável, funcional ou eficaz.

Como resultado, a própria subjetividade torna-se performativa e condicionada, continuamente moldada por expectativas de resposta, otimização e reconhecimento. O sujeito é chamado a se produzir como imagem, a exhibir-se como presença estilizada e a existir sob a forma de dados afetivos.

A lógica do desejo, nesse regime, já não se define pela escassez ou pela ausência, mas por uma hiperestetização programada da presença e da validação. Programado para desejar e desejar-se, o sujeito é capturado por sua própria performance.

### **4.3 O controle sensível: governamentalidade estética e captura algorítmica**

Mais do que disciplinar diretamente os corpos, o controle hiperestético tende a ambientalizar-se, atuando por atmosferas, interfaces, ritmos de exposição e ambiências sensíveis. Biopolítica e economia da atenção convergem na modulação estética da experiência, deslocando parte do exercício do poder para o campo da percepção, da resposta e da disponibilidade afetiva. Ao atuar por sedução e antecipação de escolhas, com baixa visibilidade das operações técnicas, esse regime configura uma modalidade difusa de controle sensível.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

A hiperestética, então, pode ser compreendida como uma modalidade sensível de governamentalidade<sup>4</sup>: ela orienta condutas não apenas por comandos, normas ou interdições, mas pela organização técnica dos ambientes nos quais os sujeitos percebem e escolhem. O controle torna-se hiperestético porque se inscreve na própria textura da experiência, confundindo-se com a funcionalidade cotidiana das interfaces.

O sensível passa a constituir um campo estratégico de captura e condução, no qual arquiteturas digitais modulam comportamentos sem, necessariamente, se apresentarem como instâncias explícitas de poder.

O capitalismo digital governa pela administração contínua das condições em que a atenção se organiza, e as escolhas parecem emergir espontaneamente.

## **5. Estética, economia e valor: o sensível como ativo**

A hiperestética constitui um novo regime do sensível, ao inscrever a sensibilidade em uma lógica de valorização econômica. O sensível torna-se ativo estratégico; presença, atenção, afeto, gesto e até mesmo o silêncio passam a ser modulados por infraestruturas técnicas orientadas pela captura e quantificação. A estética deixa de ser suplemento simbólico e transforma-se em infraestrutura de produção de valor.

---

<sup>4</sup> Adota-se aqui “governamentalidade” no sentido foucaultiano de condução das condutas, i.e., como conjunto de racionalidades, técnicas e dispositivos voltados à orientação dos modos de agir dos sujeitos (Foucault, 2008). A aproximação com as sociedades de controle de Deleuze (1992) permite indicar o deslocamento dessa condução para circuitos contínuos, ambientes técnicos e formas distribuídas de regulação.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

Essa mutação encontra sua primeira camada no que Shoshana Zuboff (2020) define como capitalismo de vigilância. Segundo a autora, a nova racionalidade econômica das plataformas digitais baseia-se na extração preditiva da experiência, na qual dados comportamentais são colhidos, processados e monetizados. Em suas palavras: “As experiências humanas são tratadas como matérias-primas gratuitas que são transformadas em dados comportamentais” (Zuboff, 2020, p. 13). Nesse processo, a atenção passa a ser o recurso mais valioso. Não como audiência, mas como fonte primária de valor econômico. A economia da atenção assume a forma de uma financeirização da atenção, na qual presença, engajamento e previsibilidade comportamental passam a existir como ativos mensuráveis.

Outra característica do regime hiperestético é que ele provoca a alteração do tempo social do mundo, buscando a atenção ininterrupta dos indivíduos com objetivos político-econômico-financeiros. Jonathan Crary (2016) já havia apontado essa condição ao mostrar que a vida contemporânea é capturada por uma temporalidade 24/7, em que “o sono é um obstáculo ao pleno funcionamento do capitalismo do século XXI” (Crary, 2016, p. 10). Para o autor, o sono se constitui como o último bastião de resistência à colonização da atenção, pois “é uma afronta às pretensões de eficiência, produtividade e rentabilidade contínua que regem a lógica neoliberal” (Crary, 2016, p. 11). Crary afirma que o capitalismo digital almeja a vigília perpétua, um presente contínuo de atenção capturada, no qual o tempo é estetizado e cuja viabilidade depende da dessensibilização pelo excesso.

Lipovetsky e Serroy (2015) apontam que vivemos sob um capitalismo estético, em que os valores da forma, do estilo e da sensação penetram todas as esferas da vida econômica. No regime hiperestético, essa lógica atinge seu ápice: a presença

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

performada nas redes, a estética da reação, o engajamento afetivo e a visibilidade convertem-se em formas de capital. A lógica do *like*, do clique e do compartilhamento não apenas mede, mas define o valor da aparição. A presença torna-se mercadoria sensível, algo produzido, constantemente quantificado e negociável. A experiência estética condicionada passa a operar como dispositivo de validação, no qual a existência pública depende de regimes contínuos de performance e visibilidade. Essa instrumentalização constitui a própria lógica da operação. A estética assume agora uma função mais profunda, estruturando a experiência perceptiva como campo de valor cultural e econômico, para além de sua atuação histórica como recurso de diferenciação mercadológica.

O regime hiperestético realiza, assim, uma inflexão estrutural ao converter a experiência sensível em ambiente de valorização, e cada gesto é potencialmente capitalizável, cada emoção é um dado, cada presença é uma métrica. A estética converte-se em condição de rentabilidade e o sensível, em campo permanentemente explorável. Em chave benjaminiana, poder-se-ia dizer que o *sex-appeal* do inorgânico, antes associado ao fascínio técnico, cede lugar ao que se poderia chamar de “*sex-appeal* da percepção sensível”: o encantamento programado da própria experiência.

Para além do estilo ou do simples efeito técnico, a hiperestética constitui um sistema de produção sensível orientado por regimes de valor. Compreender suas lógicas e estratégias é o primeiro passo para romper o automatismo da experiência, pois é nesse intervalo que se abrem frestas críticas, onde o pensamento e o corpo ainda podem agir. Por exemplo, a inserção deliberada, nos fazeres humanos, da lentidão, do desvio e da hesitação pode funcionar como gesto de resistência ética e

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

estética diante dessa captura programada da presença. Hesitar, aqui, significa suspender o fluxo, para que seja possível restaurar corpo, tempo e mundo.

## **6. Cartografia inaugural do regime hiperestético**

A hiperestética, tal como aqui proposta, aparece como categoria em elaboração. Consolidando as hipóteses anteriores, esta seção propõe uma primeira cartografia da hiperestética como regime técnico, estético e político da sensibilidade contemporânea. Trata-se de um conceito forjado na fricção entre sensibilidade, técnica e poder. Sua função crítica consiste em nomear a mutação em curso no regime do sensível e oferecer instrumentos para pensar suas consequências políticas e existenciais.

A partir dessas premissas, é possível propor algumas balizas preliminares que delineiam o campo semântico e conceitual da hiperestética.<sup>5</sup>

A primeira dessas balizas é o excesso sensorial. A hiperestética configura-se como um regime de intensificação: há mais imagens, mais signos, mais estímulos, mais presenças simuladas, mais instâncias de sensorialidade ativadas ao mesmo tempo. Não se trata apenas de uma abundância quantitativa, mas de uma saturação qualitativa do sensível. O corpo torna-se alvo de estimulação contínua e difusa, enquanto a atenção é constantemente capturada por fluxos visuais, sonoros, táteis e vibratórios.

---

<sup>5</sup> Utilizamos aqui o termo “balizas” no sentido de marcos provisórios ou referências conceituais iniciais que orientam a formulação de um campo teórico em construção. Diferentemente de categorias fixas ou definições estáveis, essas balizas operam como limites móveis e vetores de sentido que ajudam a esboçar a cartografia conceitual da hiperestética, reconhecendo seu caráter ainda inaugural e processual.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

A segunda baliza é a tecnomediação. A experiência sensível é mediada por dispositivos, interfaces e sistemas algorítmicos. A percepção deixa de comparecer como dado imediato e passa a ser filtrada, intensificada e redirecionada por camadas técnico-operacionais. Os sentidos aparecem como canais atravessados por mediações que funcionam como curadoras do real. A estética, nesse contexto – agora, hiperestética –, é inseparável de sua mediação técnica: sentimos o que as máquinas nos permitem sentir, ou o que elas traduzem e nos devolvem como experiência sensível.

A terceira é a performatividade do eu. No regime hiperestético, a subjetividade é continuamente encenada. O “eu” aparece como construção estética recorrente, modulada por padrões de visibilidade e legibilidade algorítmica. Essa performance incessante não implica uma falsificação da identidade, mas sua estetização contínua sob as condições da exposição. O sujeito vive em ato, configurado pelo olhar das plataformas e pelo imperativo de aparecer. Existir tornou-se, literalmente, performar.

A quarta baliza é a dissolução de fronteiras. No regime hiperestético não há distinção nítida entre obra e cotidiano, entre estética formal e estética do existir. O cotidiano converte-se em campo de edição contínua de si, em que viver também é compor, ajustar, publicar. Diferentemente da estetização da vida nos moldes do modernismo, marcada por gesto e intenção, a hiperestetização contemporânea é infraestrutural, sistemática, automatizada e incessante. As fronteiras entre arte, técnica e experiência dissolvem-se no próprio tecido do sensível.

A quinta baliza é a economia política do sensível. A hiperestética configura uma forma estética do capital digital, moldada por interesses econômicos e

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

estratégias de captura, fazendo, da presença corporal e afetiva, matéria-prima de monetização. A atenção, convertida em recurso escasso, é continuamente explorada por infraestruturas que transformam o sentir em valor.

Walter Benjamin já percebia que a técnica moderna transformava historicamente a percepção e isso fazia, da estética, um campo de disputa política. No regime hiperestético, essa disputa se desloca para as micro-operações da percepção. O que aqui se observa, porém, difere do choque benjaminiano. Em Benjamin, o choque ainda aparece de modo ambivalente, desestabilizando a percepção habitual, exigindo novas formas de recepção e podendo abrir uma possibilidade crítica diante das formas técnicas modernas. Na hiperestética, ao contrário, a repetição contínua dos estímulos tende à habituação: o excesso deixa de produzir estranhamento e passa a anestesiar a capacidade crítica, naturalizando a captura econômica da atenção e reduzindo a estranheza das operações técnicas que organizam o aparecer.

Essas balizas, embora provisórias, compõem uma cartografia inicial do regime hiperestético. Mais do que uma teoria da arte ou uma crítica à saturação imagética contemporânea, a hiperestética se afirma como chave conceitual para pensar a organização sensível do presente e as lógicas técnicas e econômicas que configuram politicamente o sensível.

## **7. Considerações finais**

Compreender a hiperestética é reconhecer que o sensível se tornou um dos campos estratégicos de disputa do presente. Identificar suas lógicas e mecanismos de captura permite reorientar a crítica estética para as condições técnicas, econômicas e políticas que hoje organizam o aparecer. A categoria permite mostrar como a

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

.....

experiência sensível é modulada por arquiteturas técnico-digitais e progressivamente convertida em valor.

Ao longo deste artigo, essa formulação foi apresentada como ferramenta crítica para nomear um novo estado da sensibilidade contemporânea, e não como simples neologismo ou categoria transitória. Trata-se de um regime no qual o excesso, a tecnomediação digital, a performatividade e a monetização da percepção configuram uma nova ecologia sensível, cujos efeitos se fazem sentir na política, na subjetividade, nas formas de conhecer e na própria constituição do real. O sensível, um dia compreendido como domínio da experiência imediata, da arte ou do juízo de gosto, é hoje modelado por arquiteturas técnico-algorítmicas que capturam, programam e modulam a percepção. Essa transformação é estrutural, pois altera o próprio regime do sensível, em vez de apenas ampliar a presença da estética.

Nomear esse regime é produzir um corte conceitual que permite enxergar, por trás da saturação hiperestética contemporânea, as engrenagens técnicas que a sustentam e os interesses que a atravessam. É, também, recusar a naturalização da experiência digital como neutra ou inevitável, restituindo ao sensível sua densidade histórica e sua potência crítica.

Este artigo propõe a hiperestética como categoria crítica para compreender a organização técnico-digital do sensível na contemporaneidade. Sua função é estabelecer um campo conceitual no qual se tornem visíveis as operações que modulam a experiência sensível, da atenção ao desejo. Ao ser nomeada como regime, a hiperestética permite examinar como o sensível é produzido, hierarquizado, explorado e naturalizado.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***

Com isso, a hiperestética abre um campo de investigação sobre os modos contemporâneos de produção, circulação e disputa do sensível.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMGARTEN, A. G. Estética. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). *O belo autônomo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2012.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter [et al.]. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 11–42.

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. São Paulo: Ubu, 2016.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219–226.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

FEENBERG, Andrew. *Tecnossistema: a vida social da razão*. Tradução de Eduardo Beira e Cristiano Cruz. Lisboa: Inovatec, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GONÇALVES, André. *Hiperestetização da política e comunicação: um estudo a partir da reprodutibilidade técnica-digital*. Teresina: EDUFPI, 2024.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível*.**

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 11–38.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2016.

KITTLER, Friedrich A. *Gramofone, filme, typewriter*. Tradução de Daniel Martineschen, Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sociotécnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34, 2003.

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda ou a respeito da atualidade da estética nos dias de hoje. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*, v. 6, n. 9, Porto Alegre, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27534>. Acesso em: 30 nov. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

.....

**Gonçalves, André L. C. *Hiperestética: técnica, poder e a emergência de um regime do sensível.***